

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Graduação em Filosofia

PROJETO DE PROGRESSÃO DE CURSO (versão não concluída):

Etnografia Literária como método de acesso ao Real

Thiago Luiz Gontijo de Almeida

Orientador: André Gouvêa Andrade

Palavras-chave: Etnografia Literária; Pedagogia; Real.

Capelinha

Fevereiro de 2025

CAPÍTULO 1 - ANÁLISE

Meu intuito nas seguintes linhas é apresentar um projeto pedagógico a partir da análise do texto *República de Aristocles* (2025) utilizando o conceito de *Etnografia Literária* de André Gouvêa Andrade (2025). Este texto não tem nenhum compromisso com as formatações acadêmicas que até então creio ter aprendido na graduação de Filosofia na UFMG. Os motivos serão melhor evidenciados ao longo deste.

Pronto vai. Como se fosse em um diálogo cara-a-cara. Vou buscar as referências em minha memória e tentar de forma mais clara e auto-honesta possível. Aproveito o momento para creditar, conforme minha memória permitir, as pessoas responsáveis por me transmitir seus conhecimentos sobre as respectivas áreas de competência [adendo: estranho “seus conhecimentos”; preferível “o conhecimento de vocês”].

Primeiro, o título. “República de Aristocles”. Aristocles nada mais é do que o nome do filósofo grego que designamos vulgarmente como Platão. “República de Platão” é um dos livros que trabalhamos em sala na disciplina do professor Fernando Rey Puente. Em uma de suas aulas, lembro de ser mencionado que, talvez, o que Platão poderia ter visado ao escrever essa obra é justamente tê-la como certo um projeto pedagógico. Por meio de seus diálogos, dentre os quais, *Politeia*, Platão pode vir a ter pretendido ensinar aos leitores que, por mais árdua que seja a tarefa, não devemos nunca recuar. Ele pretendia, de forma figurada, por analogia, que o humano que se libertasse das amarras que o prendia na caverna voltasse à caverna para dizer aos seus irmãos e irmãs sobre o Sol, por mais que arriscasse ser taxado de louco ou pior. Platão não tinha interesse no Sol. Usou uma figura de linguagem para tentar falar sobre o pai do Sol, o Bem. Platão sabia que era estatisticamente improvável. Mas, mesmo assim, ele não pecou em tentar. O que visio com este texto é tentar algo mesmo achando que vai falhar. Pois não é sobre chegar lá, mas sim sobre o caminho que você percorreu e sobre as pessoas que você encontrou no caminho. Para mais informações, vos remeto à letra da música de Ana Vilela, Trem-Bala de 2017:

Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si

É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti
É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz
É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós
É saber se sentir infinito num universo tão vasto e bonito
É saber sonhar
E, então, fazer valer a pena cada verso
Daquele poema sobre acreditar
Não é sobre chegar no topo do mundo
E saber que venceu
É sobre escalar e sentir
Que o caminho te fortaleceu
É sobre ser abrigo
E também ter morada em outros corações
E assim ter amigos contigo
Em todas as situações
A gente não pode ter tudo
Qual seria a graça do mundo se fosse assim
Por isso, eu prefiro sorrisos
E os presentes que a vida trouxe
Pra perto de mim
Não é sobre tudo que o seu dinheiro
É capaz de comprar
E sim sobre cada momento
Sorriso a se compartilhar
Também não é sobre correr
Contra o tempo pra ter sempre mais
Porque quando menos se espera
A vida já ficou pra trás
Segura teu filho no colo
Sorria e abrace teus pais
Enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir
Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá
Laiá, laiá, laiá, laiá, laiá
Segura teu filho no colo
Sorria e abrace seus pais
Enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala, parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir

O que segue é sobre ser a mudança que eu quero ver no mundo.

Lembro também de, talvez, ter sido mencionado em uma de suas aulas que a Filosofia e a Literatura - aqui no sentido “de produção e recepção de textos com qualidades estético-literárias” como afirma Andrade (2025, p.7) - fazem referência ao mesmo objeto de estudo, a Realidade. A diferença entre o filósofo e o literata estaria no fato de que o primeiro partiria do conceito geral na tentativa de abarcar o particular, enquanto que o segundo evidenciaria o particular para dar conta de algo mais elevado (em sentido topológico e não topográfico). Algo esse que os Românticos do movimento literário inspirado no Idealismo Alemão também tentavam abarcar. Segundo aula do professor Vitor Lima do Núcleo de Formação Filosófica sobre o tema (parte inicial do curso “Do Iluminismo aos Marxismos”), os românticos sabiam que o Absoluto é inabarcável, mas mesmo assim se propunham a olhar em direção ao infinito, que, nas palavras de Renato Russo, “é um dos deuses mais lindos” (Música “Quase sem querer” - 1986). O quadro seguinte, de Caspar David Friedrich (1818), mostrado pelo professor Vitor Lima no âmbito de sua aula, ilustra o que venho de descrever:



Feitas as explanações iniciais e titulares, partamos para análise da conjuntura da obra. *República de Aristocles* é o título principal de um documento que apresenta em seu interior cinco outros pequenos textos, ou textículos, como o autor gosta de brincar. Abaixo do título principal, há um resumo da obra: “Eis.” Esse advérbio denota ato e, como se encontra solo, denota ato-puro. Atenção aos detalhes, pois, como meu professor de fundamentos de literatura grega, Teodoro Rennó, bem lembrou, são eles que habitam Deus e o diabo. Ele começa com letra garrafal e termina com ponto final, ou terminal. A garrafidez nos diz o teor de importância daquilo por quem o escreveu; seria diferente se tivesse sido escrito: “EIS.” por exemplo. O ponto significa que a frase é completa nela mesma, ou seja, é finita. Se é melhor ou pior ser finito ou infinito, não entrarei em méritos por ora. Essa mensagem, para um bom entendedor, já basta. Mas como não somos todos bons entendedores ainda, precisamos do texto que segue.

Sobre os textículos seguintes, os temos em cinco. Cada qual é precedido por um título que coordena na totalidade o sentido da obra de forma concatenada. O fato do título estar marcado em letras garrafais e em negrito, denota ainda mais sua importância. Para um bom entendedor, como você já deve ter entendido, já bastaria. Mas não somos bons entendedores ainda, calma, jovem. Partamos, em primeiro momento, para uma análise dos textículos um a um e, depois, retornaremos para a análise global do problema.

O primeiro deles, *Manifesto dos Oucos*, começa com: “nao somos loucos nem ocos, nós somos oucos!”. Primeiro, percebemos que o autor não se preocupa em acentuar as palavras e nem de colocar as letras, ou letra, garrafal como sugere a norma culta padrão. Disso podemos inferir que, talvez, ele esteja com fome. Fome de quê ainda não podemos dizer ao certo. Ou talvez tenha escrito de um aparelho celular sob um aplicativo de bloco de notas, que não possui correção ortográfica automatizada. O que podemos, por ora, aferir é que ele visa criar uma nova categoria para os então chamados “loucos”, pois ele mesmo se diz não ser louco - aqui no sentido de Michel Foucault em *A história da loucura na idade clássica* (1961) de que a loucura é

socialmente construída e mantida - nem oco - aqui no sentido de que ele não é vazio de palavras em seu interior. Ademais, o título já mostra o teor do primeiro textícuo, trata-se de um manifesto, um manifesto dos oucos. Ao se manifestar, a oucura, enquanto conceito adquire categoria ontológica real, ela passa a ser.

Na sequência, “conservem vosso iphone hasta que a bateria deste aguento. não comprem um novo, já basta o que há.” percebemos a clara intenção do autor em manter todas as letras em não-garrafais. A oucura, portanto, atrelada à não capitalidade (ou garrafeiz) da letra se mostra contrária aos anseios neoliberais hodiernos. Isso fica evidente na menção ao “iphone”, que, desde 2007, se configurou em símbolo supremo dessa fase do modo de produção capitalista. O autor, também, não se diz contrário às tecnologias como um todo, pois poderia muito bem ter dito: “queimem vossos iphones”, mas não o fez. Disse, no lugar, para conservá-los, até que a obsolescência programada cumpra sua função por excelência. Nada obstante, a oração deixa claro que o que há, sejam iphones ou qualquer outro bem de consumo superfluável, já nos são suficientes, que nosso modo de produção já é capaz de atender às demandas humanas. Devemos, portanto, nos concentrar em direcionar nossa força produtiva para atender à lógica do uso e não da troca. Em outras palavras, o luxo deve virar lixo quando obsoleto, enquanto que a nova produção deve atender às necessidades básicas humanas: alimentação, moradia, educação, lazer, ordenada por esta ordem decrescente de prioridade.

Mais adiante temos o *Parem de se matar*. Aqui, temos uma advertência tanto individual quanto coletiva. Enquanto indivíduo, devemos parar de pensar no auto-extermínio, ou seja, no ato de tirar a própria vida. Sempre achei curioso o termo corrente ser “suicídio”, pois parece morte dos porcos. Em algum grau, o ser humano, para chegar ao ponto de tirar a própria vida, deve estar certamente afastado de sua essência mais interna, pois somos seres vivos e animados - contemos tanto alma quanto animação. Não deixemos nos tomar por esse tipo de desequilíbrio, pois, na interpretação do médico grego Hipócrates, a bile escura (*melas-kholis*), que seria a responsável por nos despertar a melancolia e mais outros distúrbios, como afirmam

Fernando Bárcena, Maximiliano Valerio López e Jorge Larrosa em *Elogio do estudo* (2023, p. 140). Ela é necessária em dose certa para a boa manutenção da vida. Mais tarde no Medievo tardio, o humanista florentino Marsilio Ficino (BÁRCENA, LOPEZ, LARROSA, 2023, p. 142) vai redefinir a cor dessa substância como sendo transparente. Ela, quando bem dosada, seria importante para se comunicar com anjos, porém, em determinadas condições, ela se queima, atingindo tonalidade negra. Enquanto coletivo, pode ser interpretada como extermínio de uns pelos outros, seja por genocídio ou não. De todo modo, a morte deve ser algo natural e não forçado pelo ser humano.

Quanto ao conteúdo, o textículo discorre sobre usos ou modos da palavra “foda”. Não irei repeti-lo aqui, pois é auto-explicativo. Basta ater-se à forma, novamente letras garrafais foram excluídas, denotando o caráter anti-capitalista e anti-neoliberal do texto. Por fim, “mas resta saber se o inverso de foda é dafo ou adof.” nos mostra que o problema do desentendimento permanece, uma vez que as duas formas de inversão são semânticamente possíveis. Não podemos deixar de notar alguma semelhança com a última inversão com o nome de um dos mais conhecidos e detestados nomes do século XX, adolf. O autor pode ter dado sorte de casualmente acontecer assim, porém, talvez, não. Adolf hitler foi o chefe do estado nazista, que tinha projetos racistas e expansionistas para a Alemanha da época. O autor demonstra clara intenção de não deixar permitir erros do passado, pois, conquanto a história não se repita, ela rima. Manter viva a memória nos ajuda no reto caminho rumo à supressão.

Em terceiro lugar, temos *Ciência Míope*. Aqui, o autor faz um apelo, evidenciando o caráter fatídico dos rumos que a ciência nos últimos anos tem tomado. “A” não; “As” ciências. Pois não existe uma somente. Todo bom cientista sabe muito bem que há uma pletera de campos científicos, cada um com o seu método e critério de avaliação próprios. Cada um é válido em seu âmbito por excelência, devendo ser respeitado; coisa que parece ter sido jogado ao desuso, pelo menos, no senso comum. Os cientistas, que outrora eram respeitados, já não mais o são; a filosofia que o diga.

Cabe ressalva que filosofia não é ciência, do contrário o prédio em que tive aula não se chamaria “Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas”. Porém, Filosofia é a mãe e mão das ciências, e já passou da hora de mãe botar ordem na casa, como bem disse a professora Anna Luiza Coli. Mão, pois é ela que se pergunta sobre as perguntas, de quais e de porquê devemos concentrar nossos esforços em tal ou tal área. Cabe ressalva que, nos dias atuais, a transversalidade é o que tem ditado os rumos do conhecimento acadêmico e, portanto, cada curso é válido se feito em comunhão com os demais. O textículo clarifica que os meios acadêmicos, com critérios avaliativos que seguem a mesma lógica do meio empresarial, já não nos bastam; são justamente contraproducentes. A maneira de escrever quase que hieroglífica, nada mais faz do que selecionar quem pode ter acesso àquele conhecimento, a depender do grau de escolaridade prévio. Já basta. Escrevamos sim, poesias para os mais eruditos, porém, se não for seguido de uma explicação para aqueles que se interessaram porém não detém tal robustez linguística, somente ela, é manca. E não precisamos de um Dr. House de série de televisão estadunidense em carne viva aqui no Brasil.

Mais adiante temos: “Não podemos continuar já crendo que a ciência é o Deus que um alemão matou, porque ela nem sequer é una!”. O autor evoca Friederich Nietzsche, em uma clara referência ao bordão de internet: “Deus está morto” para justamente descreditá-lo. É claro que Nietzsche não estava falando literalmente, porém um grande número de pessoas não se deram o tempo nem a vontade de entender o que ele quis dizer, sendo já isso suficiente para várias pessoas se identificarem como ateias. A ciência da época, por assim dizer, “tomou” o lugar que antes Deus ocupava, no que diz respeito à pedra edificadora no conhecimento. Antes as pessoas tinham fé em Deus (ou no Deus da Instituição Católica), depois, passaram a crer cegamente na ciência. Pois vos digo, as ciências não enxergam bem de longe. Basta ver a Teoria do Caos e seu Efeito Borboleta. Óbvio, aqui, estou falando vulgarmente, como se estivesse escrevendo para um internauta comum. O que quero dizer é que uma ligeira alteração nos dados iniciais pode levar a resultados completamente adversos. Isso constitui um caráter ao menos míope das ciências, elas apenas conseguem ter uma precisão razoável quando o “fato” está bem delas cerca.

Nas orações seguintes, o autor faz uma joca, ou piada, justamente para evocar o caráter risível que tudo isso pode vir a ter. Ele termina dizendo que a fé é um mistério, e que nós humanos não devemos tentar assumir papel de deuses, uma vez que somos apenas mortais. Uma possível resolução esfingeana poderia vir a ser de preocupar-nos em resolver um problema de cada vez, agir localmente, deixando Deus no comando do que se encontra no global, no longo prazo, no fim da estrada. Talvez o encontraremos por aqui ou acolá no caminho, mas será sempre para que nos lembremos de nossa condição humana.

Quartamente, temos: *Aposta do desejo enamorado da Vontade*. Não me delongarei o tanto quanto deveria neste tópico, pois não creio estar ainda pronto para entender o que o autor entende por cada um desses vocábulos. Minha interpretação é de que “Aposta” se deve justamente a uma tentativa de explicar, um depósito de fé, uma aposta. “Desejo” se refere a uma vontade de curto prazo, algo efêmero, passageiro. Quase como uma vontade infinitesimalmente ínfima no tempo. Esse amor o qual ele se refere é o mesmo amor que os gregos tinham pelo conhecimento, *philia*. Favor não confundir catraca de canhão com conhaque de alcatrão. Devemos saber separar o joio do trigo, como bem dizia Jesus Cristo de Nazaré. A Vontade, por sua vez, é o que nos guiará pelos campos da sapiência, da sabedoria. É algo que perdura no tempo, porquanto está além dele. Está no âmbito do *nous* e não no da *dianoia*. É um conhecimento instantâneo e não discursivo. Inteligido e não concatenado.

Por fim, mas não menos importante, o autor brinca sobre conversar com mortos. Não literalmente nem figurativamente, mas de maneira lateral. Essa figura de linguagem nos permite entender o mundo de uma nova maneira. Maneira ou forma essa que não colapsa a função de onda da mecânica de partículas. É o campo da indeterminação passageira. Quase como em um jogo de futebol quando a bola passa das quatro linhas. Se a linha lateral for a linha de um dos goleiros, este a remete em campo com os pés. Se for nas demais linhas laterais, um dos demais jogadores pé-nianos - que jogam com os pés - lha remetem de novo com as mãos. É jogo que

segue. O que importa é não deixar a bola parada, pois não é esse o espetáculo que a torcida veio assistir. O autor finda, ou termina, retomando o apelo contra as práticas neoliberais, mostrando desta vez o contexto da economia política brasileira, em que alguns agro-exportadores se beneficiam de políticas fiscais para levar soja aos demais países, sendo que recompramos os produtos dela derivados sob um preço exorbitante. É uma crítica ao modo de produção primário e primata que temos hodiernamente aqui, em que os mais prejudicados são as e os que nunca tiveram ou quiseram ter nada com isso. Imagina se essas e esses se organizassem? Ia ser do car alho! (risos).

CAPÍTULO 2 - Etnografia literária

Antes de mais nada, preciso dizer que o tempo é o senhor da razão. Isso significa que certas coisas virão à consciência apenas no tempo certo. Por mais que queiramos queimar etapas, estas não são árvores de florestas invadidas na expansão da fronteira agrícola. Basta já. Tudo virá em bom tempo, no tempo de Deus. Que Deus é esse?, vocês me perguntam. Bom, não preciso dizer mais nada, pois para um bom entendedor, uma palavra basta.

O que busco nas seguintes linhas? Busco expor minha subjetividade, tentando também atender algum critério de formatação, para que os eruditos da academia também tenham chance de beber desta água. Busco, como meu orientador, André, me indicou, “Um olhar fissurado e capturado pelos músicos da banda, mais do que qualquer pessoa da plateia” (2025, p. 2). Também busco falar entrelinhadamente sobre o tempo, que, talvez, ele não seja concatenado em ordem cronológica, como gostamos de pensar. O passado altera o futuro via memória, via ato falho da boa memória. Rememoramos coisas que de fato não aconteceram, porém, na ficção de nossas mentes, elas ganham sentido. Sentido esse que será explorado no capítulo 3. Quero também compartilhar um segredo. Segredo este que se esconde nos detalhes de tudo que leio, escrevo e faço. Não tentem chegar demasiado cedo no pote de ouro ao fim do arco-íris, pois vocês falharão miseravelmente. Palavras mantêm vivas as subjetividades alheias, que, até onde posso contar e René Descartes em *Meditações*

Metafísicas (1641) corroborará, é o que existe de mais Real dentro de cada um de nós. Proponho, portanto, que embarques comigo nessa viagem ouca, rumo a uma lógica não traducional, uma lógica outra, oblíqua. Precisamos dessa lógica para podermos sonhar na língua de um povo estrangeiro, um povo campestre mas também urbano, de modo que a palavra continue sempre viva.

Faço das palavras de André as minhas: “Meu retorno para a Literatura, no entanto, é apenas um regresso natural”, um eterno retorno do mesmo, “para o campo que nunca me afastei por completo” (ANDRADE, 2025, p. 4). Ainda em suas palavras, “tanto a linguagem científica quanto a literária” “se embriaga[m] e se mantém torpe nos terrenos da arte” (OSÓRIO; PRADO, 2015, p. 103-104 *apud* ANDRADE, 2025, p.4), apresentando “forte resistência às intempéries” (ANDRADE, 2025, p. 4). Ainda em Andrade, o autor cita Malinowski (1922) e “seu método da ‘observação participante’ (2025, p.5) para indicar que, de maneira intencional ou não, é da Literatura, mais precisamente a realista, que retiramos informações sobre determinada época histórica. Quem poderá negar que Machado de Assis não foi e é um contribuinte para que entendamos o Rio de Janeiro do período imperial?

André também evidencia, apoiando-se nos ombros de gigantes como James Clifford, Michel Foucault, Michel de Certeau e Terry Eagleton, que a categoria literatura “suruiu como forma de diferenciar aqueles textos que não se encaixavam na categoria das ciências” (CLIFFORD 2008 [1994], p. 35 *apud* ANDRADE, 2025, p.5). Ele afirma que textos que são demasiadamente literários recebem receios de vários campos, incluindo o antropológico nos dias de hoje. Pois bem, por que não chamar esse tipo de produção de lateral? Talvez os textos laterários não recebam o mesmo distrato que fora o recebimento de seu primo literal. Poderíamos considerar tais textos como “uma poesia que se pretende científica” (ANDRADE, 2025, p. 5). E “ssa ciência, a mais exata de todas as ciências” (BASTIDE, 1983, p. 6-7 *apud* ANDRADE, 2025, p. 6) me lembra bastante certo projeto romantista do idealismo alemão de abarcar o inabarcável, sempre com um teor de humor sobre a própria condição, justamente por

sabê-lo impossível. A “poesia não é traição, mas vontade de alcançar uma fidelidade mais precisa” (BASTIDE, 1983, p. 6-7 *apud* ANDRADE, 2025, p. 6) .

Nada obstante, devemos sempre “olhar o copo pelo lado ‘meio cheio,’”(ANDRADE, 2025, p. 6) esquecendo um pouco as “contradições do capitalismo tardio”, (ANDRADE, 2025, p. 6) pois esta realidade capital pode amiúde nos abater. Esqueçamos, por ora, as contradições, que digo *en passant* ser apenas um problema de nível lógico. Devemos olhar para essa intersecção de bem e mal, bom e mau, fazer um registro de sua existência. SEJA. Devemos buscar o outro do outro em nós, devemos nos tornar oblíquos e disso fazer a ponto que removerá todas essas contradições:

Ou seja, a capacidade, tanto da Literatura quanto da Antropologia de se *obliquarem*, como será explicado adiante, é a razão de ambas ocuparem uma posição intermediária entre sujeito e objeto, indo mais fundo do que apenas a busca por uma alteridade, como afirmado por Hatoum. Osório e Prado (2015, p.99) (ANDRADE, p.7).

Essa palavra latina, há de servir como quase uma mágica, feitiço hogwardiano para trazer o que estamos dizendo a Ser. *Obliquarem*, ou tornar-se oblíquo, transpassar, interseccionar. Assim seja.

Gouvêa ainda explica que etnografia pode ser definida de muitos modos. Vos remeto a seu trabalho por inteiro, porém de maneira mais específica na página sete temos três desses modos: 1 - observação, observação participante, questionários, entrevistas, etc.; 2 - esforço para descrição densa mediante dados de pesquisa (que são construções de construções da conjunturas de pessoas; 3 - TEXTOS que comportam mundos.

Segundo minha interpretação, algo é conferido de aspecto ontológico quando esse algo se manifesta enquanto tal, e, por isso, considero este trabalho como minha própria etnografia literária, segundo conceito primo passa a ser a Lateralidade.

André continua com: “Antropólogos que se utilizam de metáforas e figuras de linguagem e figuras de linguagem, usadas para criar imagens vívidas” e límpidas

“daquilo que experienciaram são considerados literários demais” (2025, p.8). Pois bem, façamo-os, destarte, laterais. “Os textos por demais literários, talvez deixem à mostra, a subjetividade dos antropólogos, mais exposta. No entanto, isso não deveria ser visto de modo negativo, ou depreciativo. Pelo contrário.” (ANDRADE, 2025, p. 8). Que sejamos os escultores de nós mesmos, modelando nossas realidades conforme o poder da Vontade. Essa modelagem, ao meu ver, consiste em um modo de se alterar uma forma de fazer algo, dando à e às matérias informes, sua devida figuração. Entendo, sem obstante, que alguns pontos podem vir a ser paradoxais à primeira vista, por isso, peço-vos paciência e parcimônia para não julgar de antemão um texto por seu aparente caráter. O Entendimento virá em tempo certo. Logo, os pontos ganharão robustez, passando pela hipótese do contínuo, até tornar-se linha desenlaçada. “Parafraseando James Clifford (1986), é como se confiássemos a alguém que estuda o português brasileiro há poucos meses, a tarefa de traduzir Guimarães Rosa (1946, 2021 [1969], 2019 [1956]). (ANDRADE, 2025, p.8). Não podemos ler uma vez ou algumas vezes desatentos e disso criar juízo cristalizado, pois esse entendimento será pálido, sem cor. Ponhamos nosso coração junto ao texto que, em tempo certo, o Entendimento virá. Por isso é tão importante prestarmos atenção às crianças, pois elas no dão, todo tempo, sinais. Elas jogam de modo livre com os contextos e é justamente com isso que devemos nós, adultos, jogar. Crianças, brincam, adultos, trabalham. Mas tudo isso não passa de um jogo de palavras, seguindo determinados contextos em ambientes especificados. A lateralidade já é, apenas estamos fazendo registro dela nesse texto. Já temos cotidianamente acesso à categoria do desconhecimento, como sendo intermediária do conhecer e do desconhecer. Sabemos que esquecemos algo em algum lugar, porém ainda não sabemos onde esquecemo-la. O desconhecimento marca um certo desconhecer, que não é o desconhecer por completo. Gilson Ianini, do departamento de psicologia da UFMG, bem sabe disso; tanto que em seu livro *Freud no século XXI* (2024) ele relata, sob viés da psicanálise, o infamiliar, que não é familiar nem não familiar. É algo que intermedeia ambos, gerando certa estranheza nesse vale. Strathern (2019) *apud* André (2025), destaca o poder da ficção persuasiva, que é justamente o que certos políticos de uma certa direita sabem, fizeram e fazem

uso em seu empreendimentos. Parafraseando André, eles fazem uso de estrutura narrativas para angariar seguidores via ódio. Basta de ódio. O amor venceu.

O que se “conclui que se algo é possível alcançar na Antropologia, é que ainda há relações que valem à pena serem vividas e estudadas, entre antropólogos e seus interlocutores, de uma determinada cultura.” (ANDRADE, 2025). Para mais informações, vos remeto a seu trabalho por completo.

CAPÍTULO 3

Bom dia. Eu não tenho como dizer que me sucedeu deve se passar com outrem da mesma forma. Nas seguintes linhas, intendo contar meu relato pessoal sobre como ter tido um surto psicótico juntamente de um acompanhamento adequado me fez ter contato mais próximo com o Real, mesmo sabendo que esse real é apenas Relativo. No meu caso, foi o surto que me permitiu habitar um ambiente em que eu fosse livre de julgamento, o qual eu pude deixar o meu Eu mais íntimo, ganhar lugar. Livre de julgamento alheio, pude, enfim mostrar-me a mim mesmo. Essa “vergonha” que sentia antes fazia parte de algo que não era meu, era um além-Eu, como o próprio nome denota. Outros chamariam de além-ego, outros super-ego, outros super-eu. Em luso-brasileiro, prefiro ficar com o mEu. Escrevo agora de uma cama com roupagem branca, apenas portando meu pijama de baixo esbranquiçado. Me sinto o mais livre que posso me sentir sem romper com um decoro acadêmico cabível. Ao meu lado, além de meu computador prata, tenho *à porter des mains* três objetos, que não cabe agora entrar em mais detalhes sobre suas composições. Não é necessario, a outrem, pisar em cima de onde eu pisei, porém, se quiserem encontrar a frequência que porta a mensagem que falo, além de ler nas entrelinhas, é preciso vivê-las. Corpo, mente e espírito são emanções de uma mesma fonte. O mal é imanente, porém não existe de fato. Em verdade, o mal, como bem relembra meu irmão Agostinho, é ausência de Bem. Em Deus, sintonizo minha rádio favorita, e O escuto. A espera do próximo dever. Este trabalho, creio eu, é o primeiro de muitos outros, conjugado com o trabalho de muitos e muitas outras mais. Um Trabalho Coletivo. Não adianta o que está na frente da fila se distanciar demais a ponto de não mais poder ser ouvido pelo

que vem logo atrás. É preciso manter uma certa distância, nada obstante, para que o caminhar não se dê tão lentamente. Há irmãos e irmãs na parte anterior da fila que têm fome. E quem tem fome, tem pressa. Precisamos saber organizarmos em um trabalho coletivo e eficiente, não eficiente aos moldes naturais, pois à Natureza cabe a Deus, mas em âmbitos sociais. Que os e as que estão à frente, por mais que não vejam o ou a último da fila saibam que eles e elas existem, querem falar e vão falar. Não de maneira impositiva ou birrenta, mas de forma e maneira orgânica e sociável. Não adianta ter a melhor mensagem que o mundo vira nos últimos tempos e não ser ouvido ou ouvida porque tal ou qual pessoa não está acostumada a enxergar cores. Que façamos, assim como as fotos coloridas, a televisão, a internet: paulatinamente. Aceitemos o contrário mudando o nível lógico da narrativa. A minha consiste em amor. Amor este que não se confunde com seu uso vulgar. Amor este que não se autofagia. Amor este que credita aqueles que o merecem. Amor este que é capaz de redenção àqueles dignos dela. Mas amor este que sabe separar o joio do trigo e sabe a hora que passou de dar a mão. Pois eles virão pelo braço. Mas amor este que sabe o ponto de justiça e acredita que, mesmo não sendo cega, ela se venda justamente para poder melhor julgar. Errar é humano e o mano. Todos erramos, erramos e erraremos. Que tenhamos em mente isso.

Falando nisso; isso o quê?, vocês me perguntam. Nosso imaginário coletivo. Pois é, ele existe e fala comigo. Na verdade, há algum tempo tenho estado em sintonia com uma certa frequência. Creio, eu, ser esta minha frequência original, pelo menos por ora. Sempre, ela me diz, porém tudo que é bom sempre tem um final. No meu caso, o fim virá quando eu não mais puder escrever, falar, compartilhar. Enquanto houver ao menos uma mísera alma que fala com esse imaginário, ele existirá. Foi um tal Nazareno que principiou tudo, e tudo está se expandindo mais rápido nos últimos tempos em decorrência dos avanços tecnológicos. Pena que uma certa casta de políticos, em uma certa direita, souberam aproveitar-se primeiro dela. E o fizeram mal. Ludibriar milhões de nossos irmãos e irmãs, com o mais puro coração (em verdade nem tão puro assim), fizeram-nos crer que era Deus no comando. Não era. O diabo vestiu e continuará vestindo as roupas de Deus sempre que Este se ausentar. E

ele só se ausenta quando nós não somos vigilantes para com nossos próprios atos. Gostamos de sempre colocar a culpa no outro, porém, dessa vez, a culpa não foi das estrelas, mas sim do outro do outro - nós.

O que proporei é uma retomada espiritual, mental e corporal de nossos atos, a começar por arrumar nosso próprio guarda roupa. Pare de ler por um momento e observe o espaço à tua volta. A começar por onde tu estás sentado. Está limpo? Se a resposta for não, então há trabalho pela frente. Caso a resposta for sim, olhe mais ao redor. Algum trabalho lhe vem à mente que deve ser realizado? De novo, e de novo e de novo. Sempre repetindo o padrão espiralado, sem nunca perder de ouvido o som de teu amigo que está à frente. Tu deves, não obstante, guardar contigo o nome da pessoa logo atrás de ti, a fim de poder chamá-la, em tempo certo. Pense nisso como uma corrente de blocos, um interligado com o predecessor e com o postercessor. “Ninguém solta a mão de ninguém”, poderíamos figurativamente dizer. Todos trabalhando juntos em coletivo. Melhor ainda se a rede social que vocês utilizam para se organizarem for de vossa autoria. Que aprendamos a escrever não apenas por escrever, mas para poder sermos lidos e estudados. Deus e o diabo habitam os detalhes. Assim seja.

PS.: Caso não tenha ficado claro, não estou defendendo um trabalho 30 horas por dia. O tempo a Deus pertence, e você também é filho e filha de Deus. Saiba o momento certo de parar e tomar um repouso. Deus é obviedade e, se não te for óbvio algo, primeiro pergunte a quem sabe. Ficou mais confuso ainda? Talvez esse trabalho não seja a você de concluir, você talvez apenas tenha preparado o terreno para um irmão ou irmã fazê-lo. Um passo de cada vez. Mas não desista na primeira tentativa, óbvio. Tente uma, duas, na terceira vez não funcionou?: veja se você não pulou nenhuma etapa. Se pulou, volte, peça perdão singelamente e faça-a. Não lembra se esqueceu-se de algo? Dê três pulinhos e tente novamente. Confie nas memórias que as pessoas que você ama te aplicaram. Atenção nesse amor. Tudo é Óbvio em Deus. Se está na dúvida, grandes são as chances de alguém vestido de Deus tentando te entorpecer em direção ao mal caminho. Pare, pense, confie em você. Ritualize sua rotina, que nada mais é do que pequenas rotas em direção ao verdadeiro Destino. Amén.

